

Leonardo Boff*

A possível nova era da Pax Terra e a pazisfera

Na segunda quadra do século XXI está perpassado por conflitos e por guerras de grande letalidade. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha publicado em 2024, refere que 60 dos 193 países estão envolvidos em conflitos e guerras, o que equivale 13% da humanidade. Frustraram-se as esperanças de grande parte da população mundial que imaginava que com a derrocada da União Soviética e o fim da guerra fria, inauguraríamos tempos de colaboração, de convivência e de paz.

Nada disso ocorreu. No invés, entramos num tempo sombrio e ecologicamente ameaçador, com grandes eventos extremos, tufões, inundações e nevascas, invasão do vírus Covid-19 que dizimou milhões de pessoas em três anos, o crescente aquecimento global e, o que é pior, a ameaça de guerras que incluem na Faixa de Gaza um genocídio a céu aberto, in conspectu omnium, o risco que uma beligerância entre as potências militaristas, que uma vez escalada, pode originar uma guerra nuclear, com efeitos letais e inimagináveis para a biosfera e para a vida humana.

É neste contexto que os anseios, verdadeiros clamores por paz, sobem de todas as partes. No entanto, há uma inconsciência geral na população e um verdadeiro negacionismo por parte de alguns governantes e CEOs de grandes empresas, acerca dos riscos sob os quais estamos submetidos. Mas cabe registrar que, lentamente cresce também numa parte significativa da humanidade a consciência de que estamos num caminho perigoso, talvez sem retorno, roçando um abismo no qual poderemos cair. Caso venhamos a cair, significaria que grande parte da espécie humana estaria fadada a desaparecer.

A história da Terra já possui 4,45 bilhões de anos e conheceu pelo menos 5 grandes extinções em massa de vidas, a maior dela no Permiano-Triássico há 252 milhões de

anos. Mesmo assim, como asseverou o biólogo Edward Wilson, a vida parece ser uma praga que não se deixa extinguir, mesmo quando outrora, cerca 70-80% da massa biótica foi extinta.

Mas a Terra sempre se refez. Depois de cada grande catástrofe biológica, parece que a própria Terra se vingava e cobrava mais força para refazer toda a sua biodiversidade.

Por ano, de forma normal, deixam de existir cerca de 100 espécies de seres vivos. Alcançaram seu clímax e desaparecem, naturalmente, da face da Terra. Outros virão. Não são poucos que se perguntam: será que não chegou a nossa vez de termos atingido o nosso clímax? Então desapareceríamos.

Um dos indicativos alegados é o crescimento exponencial da população humana de mais de 8 bilhões e que já ocasionou a Sobrecarga da Terra (Earth Overshoot), quer dizer, a exaustão daqueles bens e serviços naturais não renováveis que garantem a continuidade e a reprodução de nossas vidas. O fato é que já tocamos nos limites da Terra. Sete dos 11 elementos fundamentais para a vida já caíram. Ascenderam-se todas as luzes vermelhas.

Cabe ainda referir que construímos os instrumentos de nossa autodestruição, que ativados voluntariamente, ou por uma IA autônoma ou por um acidente qualquer, poria em risco aventura humana sobre o planeta Terra.

Por outro lado, considerando a resiliência da vida em toda as dizimações havidas, tudo leva a crer que o ser humano não irrompeu no processo avançado da evolução para liquidá-la nem para se autodestruir. O que nos parece uma tragédia, poderia ser uma crise de passagem de um modo de vida para outro, possivelmente mais alto, cobrando graves sacrifícios a serem pagos. Mas a vida-praga, uma vez mais, resistiria e salvaria grande parte da vida e da

civilização. Inauguraria outra era geológica, aquela que o grande cosmólogo Brian Swimme, chama de a era ecozóica. O ecozóico-ecológico, aquilo que está ligado ao planeta Terra como Casa Comum (oikos=eco:casa em grego) ganharia centralidade, como foi maravilhosamente proposto pelo Papa Francisco na encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum (2015).

A tecnociência, a economia, a política e a cultura em geral estariam a serviço do cuidado e da proteção desse dom sagrado que o universo ou Deus nos tem galardoado: o planeta vivo Terra, Grande Mãe, Pachama e Gaia.

Então algo inédito poderia acontecer. Todos os humanos, sentindo-se partes da natureza e seus guardiães, conviveriam em sinergia com o todo. O reino das necessidades teria ficado para traz e todos gozariam dos benefícios do reino da liberdade, agradecidos ao Criador, vivendo felizes e em paz perene, sob a luz e o calor benfazejos do sol.

Essa utopia está nos arquétipos mais ancestrais do inconsciente coletivo de todos os povos. E esse arquítipo poderá irromper de dentro da atual crise planetária para fazer a sua história junto com a natureza e a espécie humana. Seria a pazisfera (em português) ou pacisfera (em latim), a esfera da paz, da pax Terrae, sempre sonhada e ansiada, desde o irromper das estruturas mentais e da consciência humana, há milhões de anos na África, de onde surgimos.

Então, não se falará mais de paz, pois ela se transformou no ar que respiramos e no alimento que nos sustenta. Um sonho que vale a pena ser sonhado para acelerar, quem sabe, a sua realização.

*Autor de Pequeno Tratado sobre a Paz a sair em breve.

EDITORIAL

O legado e a marca de cada geração

As diferenças comportamentais de cada geração ditam as constantes mudanças que marcam décadas, com valores, costumes e perfis que vão se transformando diante de cada olhar. Uma verdadeira revolução que, muitas das vezes, cai em um lugar comum na hora que os debates vão para a mesa: “a geração anterior era melhor”. Esse ponto sempre é levantado e torna-se um verdadeiro ferverilhão.

O filme Meia Noite em Paris, de Woody Allen, mostra bem como uma grande parte dos seres humanos acha que perdeu algo ou o quanto poderia ter sido melhor pertencer a outra década. O protagonista do filme faz uma viagem ao passado e fica vez mais insatisfeito com o presente. O personagem queria pertencer à década de 20, a mesma de seus ídolos, que ele visita, todos os dias, quando faz sua viagem, sempre à meia-noite, ao passado.

Mas, fora da sétima arte, a nostalgia fica na realidade por conta de estudos filosóficos sobre as diferenças de gerações e as especificidades de cada uma. Os chamados “baby boomers” nascidos após a Segunda Guerra Mundial, principalmente entre

1946 e 1964, viram de perto o surgimento de movimentos sociais e culturais que desafiaram as normas estabelecidas da época. O movimento hippie e beat, caracterizado por uma rejeição dos valores convencionais.

Depois, a Geração X, que cresceu em um período de mudanças rápidas e globalização, desenvolvendo independência e adaptabilidade. São os nascidos entre 1965 e 1980. Os Millennials, ou Geração Y, nasceram em plena evolução da tecnologia e a internet. Isso entre 1981 e 1996. Chega então geração Z, de 97 a 2012, totalmente digital e adaptada a um mundo conectado e valorizando a autenticidade e a praticidade.

Por fim, a atual geração batizada de Alfa. Tratam-se dos nascidos a partir de 2013, com grande influência da inteligência artificial e altamente conectados. Mostram a que vieram. No frígido dos ovos que vale mesmo é a transformação de cada geração e seu legado. Não se perde nunca, independente de climas saudosistas ou até mesmo os mais céticos que não crêem nessa “história de geração”.

O morango e o amor aos dentes

Febre em todo o país neste inverno, o “morango do amor” caiu no gosto do brasileiro. Desde crianças e jovens a confeiteiros profissionais, todos estão querendo saborear o doce. No entanto existem alguns perigos para quem quer degustar esta iguaria.

Assim como a maçã do amor, o morango tem uma casquinha dura que o encobre, feita de caramelo. Essa cobertura, por ser dura, caso a pessoa não mastigue direito, pode dar problemas na boca ou mesmo até quebra de dente, dependendo da força e da alavanca que se faça na hora da mastigação.

O Conselho Federal de Odontologia emitiu um comunicado alertando as pessoas com próteses ou lentes dentais a terem cuidado na hora de comer o doce, justamente para não terem o tratamento comprometido ou mesmo terem uma quebra do dente.

Nele, o conselho reforça

também o jeito certo para saborear o morango, como buscar as camadas mais finas do caramelo para dar as primeiras dentadas e usar os dentes de trás para darem as primeiras mordidas, pois são mais fortes e são utilizados justamente para triturar os alimentos.

Além disso, reforça que pacientes com aparelhos fixos precisam ter bastante atenção, para não terem os aparelhos avariados ou mesmo com problemas que os levem ao ortodontista ou outro médico de emergência.

Para finalizar, obviamente, o alto teor de açúcar provocado pelo morango que, se não tiver o tratamento dental adequado, leia-se escovar bem os dentes depois de comer-lo, pode provocar cáries.

O Conselho não proíbe muito menos condena as mordidas no “morango do amor”. Apenas reforça o cuidado aos pacientes para que o tratamento não tenha um tempo maior que o devido, por uma tentação.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Cinco massacres esquecidos contra indígenas e ribeirinhos no Brasil

1-SHEHERAZADE DIZ À JUSTIÇA VIVER CRISE FINANCEIRA: ‘Desemprego e golpe’. Por Rogério Gentile. A jornalista Rachel Sheherazade, de 51 anos, disse à Justiça passar por um momento de “instabilidade financeira” em decorrência do “desemprego” e de um “golpe comercial”. A declaração foi feita pela jornalista ao solicitar o benefício da Justiça gratuita, concedido às pessoas que, em situação de pobreza, não têm condições de arcar com as custas e demais despesas de um processo. No caso, as taxas seriam de R\$ 536,75. (...) (UOL)

2-EM ESTADO GRAVE, ÂNGELA RO RO VOLTA A FALAR e cria site para arrecadar doações: ‘Ela pede ajuda’, diz advogado. Cantora, que completa 75 anos em dezembro, segue internada em UTI – Unidade de Terapia Intensiva - de hospital, após sofrer infecção pulmonar, e apresenta recuperação estável a tratamento. No último domingo (3), Angela Ro Ro voltou a se comunicar por meio da fala. “Sua resiliência a fez encontrar uma maneira de falar”, atualiza o advogado. A cantora está internada desde junho devido a uma infecção pulmonar grave. (...) (O GLOBO)

3-FIÉIS ‘REFAZEM’ IGREJA ATACADA POR MÉDICO em Campinas. Por Flávio Paradella. Após depredação da Paróquia Santa Cruz, fiéis se uniram para limpar e adaptar o templo para manter missas no bairro Nova Europa. Após a destruição causada por um médico na Paróquia Santa

Cruz, no Jardim Nova Europa, em Campinas, uma verdadeira força-tarefa de fiéis e voluntários se mobilizou para limpar, recolher destroços e garantir a continuidade das celebrações religiosas. Mesmo diante do cenário desolador, a igreja foi adaptada para receber as missas domingo (4), com altar e púlpito provisórios montados com o que restou. (...) (https://sampi.net.br/)

4-MASSACRES ESQUECIDOS. Cinco massacres esquecidos contra indígenas e ribeirinhos no Brasil. Brutalidade, impunidade e apagamento marcam a longa história de violência contra populações indígenas e ribeirinhas. Por Deutsche Welle. Às margens dos rios e nas trilhas de florestas, histórias que o tempo tentou apagar ressurgem nas vozes dos sobreviventes. Uma dessas vozes, a de Antônio Monteiro, ecoa na lembrança dos corpos de seus familiares boiando no rio próximo à sua casa. Aos 72 anos, ele sobreviveu a uma das maiores chacinas recentes contra indígenas e ribeirinhos no Brasil: o Massacre do Rio Abacaxis, ocorrido em agosto de 2020, no interior do Amazonas. O antropólogo João Pacheco de Oliveira, do Museu Nacional (RJ), explica que a colonização portuguesa legitimou a violência contra os povos indígenas por meio das chamadas “guerras justas”, que, na prática, serviam para garantir acesso à terra e mão de obra, resultando na morte e drástica redução populacional ao longo dos séculos. Em números, no início da colonização, cerca de 2 a 4 milhões de indígenas viviam no território que hoje é o Brasil. Eles faziam

parte de cerca de mil povos distintos. A Terra Indígena Juma, palco de massacre, só foi homologada em 2004. Os massacres eram classificados como “conflitos fundiários” ou “homicídios isolados”, sem reconhecimento legal como crimes contra a humanidade. Mesmo com os avanços da Comissão da Verdade, o que se conhece hoje é apenas uma fração do que de fato ocorreu. Massacre do Capacet (próxima a Benjamin Constant, AM) - genocídio reconhecido. Cerca de 14 homens armados invadiram uma assembleia pacífica do povo ticuna, que discutia a demarcação de suas terras. O ataque deixou 14 mortos, incluindo cinco crianças, e 23 feridos. Houve condenações relacionadas ao massacre dos Ticuna, mas as penas foram alteradas, ou reduzidas. Em 1993, o povo yanomami foi mais uma etnia alvo de massacres. Essa chacina foi a primeira da história brasileira a ser julgada como genocídio (diferentemente do caso dos ticuna, cujo crime de genocídio foi incluído no processo anos depois). Massacre de Caarapó. Alvo de uma disputa territorial, a fazenda Yvu, em Caarapó (MS), foi ocupada por um grupo de indígenas. Link: - https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/08/04/cinco-massacres-esquecidos-contra-indigenas-e-ribeirinhos-no-brasil.ghtml - (O GLOBO)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: SEBASTIÃO LEME JÁ AVALIA RETORNO AO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1930 foram: Tratado naval na Câmara dos Comuns é ratificado em

definitivo. Metalúrgicos e operários das fábricas de tecidos de Lille entram em greve. Terremoto no sul da Itália deixa a população aflita por

novos incidentes ambientais. Governo português avalia mudanças na equipe. Cardeal Sebastião Leme está perto de retornar ao Brasil.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES LEVA MULTIDÃO NO MATO GROSSO

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes leva multidão às ruas de Cuiabá e faz um

discurso em defesa da nação. Diplomata soviético Jacob Malik presidirá o Conselho de Segurança da ONU, sob os olhares céticos das nações

latino-americanas. Ministério do Trabalho ficará isento nas eleições dos sindicatos, afirma o presidente Dutra.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22275-057

Brasília: ST SIBSQuadrá 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.